



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCACAO E CIENCIAS HUMANAS  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

SUELEN DA SILVA CHRISOSTIMO

TRANSFORMAÇÕES TÉCNICO-PRODUTIVAS NA PRAIA DA LONGA/RJ

SÃO CARLOS

2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCACAO E CIENCIAS HUMANAS  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

SUELEN DA SILVA CHRISOSTIMO

Trabalho apresentado como requisito avaliativo  
da disciplina Economia Agrária do Curso de  
especialização em Educação no Campo da UFSCar

SÃO CARLOS

2016

## TRANSFORMAÇÕES TÉCNICO-PRODUTIVAS NA PRAIA DA LONGA/RJ

Suelen da Silva Chrisostimo  
UFSscar  
[suelenchrisostimo@hotmail.com](mailto:suelenchrisostimo@hotmail.com)  
Monitora  
Elianeide Nascimento Lima  
[elianeide.monitoria@gmail.com](mailto:elianeide.monitoria@gmail.com)

Este trabalho tem como objetivo estudar transformações técnico- produtivas na Praia da Longa-RJ a partir das fábricas de sardinhas criadas entre 1925 e 1950 , e os impactos no mercado de trabalho: análises estruturais e trajetórias pessoais. Para tal recorro literatura que discute a Ilha Grande e entrevistas com moradores da comunidade. A Praia Longa é uma praia tranquila que ainda não tem interferência do turismo predatório, não possui restaurantes e nem pousadas. O turismo praticado inclui mochileiros que passam diariamente, já que esta na rota da volta da Ilha Grande, e moradores que alugam as suas casas nas férias e feriados. Mas este paraíso esconde uma antiga disputa por terras entre os nativos e um forte domínio de uma empresa privada. Neste sentido, buscamos conhecer as fases econômicas, as profissões e como o meio de vida se confunde com o trabalho nesta comunidade caiçara. Sendo a trajetória dos moradores o ponto fundamental para as profissões que escolhem ao longo da vida, muito ofícios são passados de geração em geração. Contudo para alcançar sucesso acadêmico os jovens têm que ir para o continente.

**PALAVRAS-CHAVES:** Educação do campo, relações de trabalho, caiçara.

Cada pessoa precisa descobrir-se como parte do ecossistema local e da comunidade biótica, seja em seu aspecto de natureza, seja em sua dimensão de cultura. Precisa conhecer os irmãos e irmãs que compartilhem mesma atmosfera, a mesma paisagem, o mesmo solo, os mesmos mananciais, as mesmas fontes de nutrientes; precisa conhecer os tipos de plantas, animais, e microorganismos que convivem naquele nicho ecológico comum; precisa conhecer a história daquelas paisagens, visitar rios e montanhas, frequentar aquelas cascatas e cavernas; precisa conhecer a história das populações que aí viveram sua saga e construíram seu habitat, como trabalharam a natureza, como a conservaram ou a depredaram, quem são seus poetas e sábios, heróis e heroínas, santos e santas, os pais/mães fundadores da civilização local.

(BOFF,1999, p.72)



Praia da Longa – Ilha Grande/RJ

## 1-A Ilha Grande no suposto descobrimento do Brasil

A Praia da Longa está situada na Ilha Grande na face da Ilha voltada para o continente. Possui cerca de 200 habitantes, é uma comunidade pesqueira e muito tranquila, possui três igrejas, um coreto, um estaleiro, um restaurante flutuante, fazendas de maricultura, uma escola, um canoário<sup>1</sup> e alguns bares.

O município de Angra dos Reis-RJ, dispõe de uma costa privilegiada com uma imensa baía com 365 ilhas, que forma um local protegido dos ventos e do mar aberto proporcionando um refúgio abrigado às embarcações. Esta singularidade vem sendo utilizada de diversas formas de acordo com as necessidades dos diversos ciclos econômicos da história nacional.

Diante disso, a Ilha Grande teve um papel importante no “descobrimento” do Brasil, pois foi por ela que os europeus adentraram no nosso território. Porta de entrada para desbravadores, piratas, corsários e cenário de violência contra os Tupinambás e africanos escravizados. E sem falar dos sambaquis<sup>2</sup> nas diversas comunidades da Ilha Grande.

Na época colonial, a economia da Ilha Grande estava fundamentada na pesca, na lavoura de subsistência, na extração de madeira e no incentivo a cultura da cana, que fez surgir os primeiros engenhos para produzir açúcar. Com a decadência da economia açucareira, a Cora Portuguesa buscou outros meios de obter lucro, começaram as incursões para o interior do Brasil à procura de metais e pedras preciosas. Sendo assim, uma parte do caminho do ouro era marítimo e a Ilha já era conhecida por abrigar navios das diversas nacionalidades, por servir como área de abastecimento, e pelas relações amistosas com os estrangeiros.

Outra atividade importante foi a pesca da baleia. A partir dela, produzia-se a carne salgada para a alimentação e o óleo para a iluminação, a impermeabilização de barcos e a construção. Ainda hoje encontramos ruínas atrás da escola Thomaz Henrique na Praia Longa, construções feitas com pedras e utilizado como cimento para dar liga o óleo de baleia sendo mão de obra escrava.

Durante o império destacou-se o ciclo do café, as imponentes fazendas Ilha

---

<sup>1</sup> Canoário Vera Lúcia Braga é uma espécie de ponto de cultura, onde abriga os mais diversos objetos curiosos da ilha Grande. Como também uma coleção de canoas caiçaras. O proprietário é o Sr. Mauro, um paulista que a cerca de 20 mantém fortes laços com a comunidade.

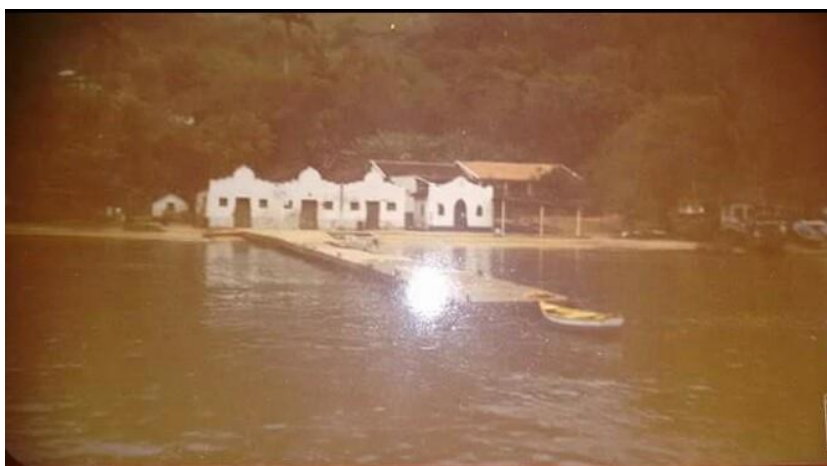
<sup>2</sup> Sambaquis: palavra originária do tupi (tamba=mariscos e ki=amontado, depósito) que designa os sítios arqueológicos formados por acumulação de restos de conchas, ossos, fogueiras, ferramentas e vestígios mortuários, encontrados no litoral brasileiro (Tenório, 2006)

Grande, passaram a introduzir o plantio do café. Os engenhos já citados além de produzir açúcar e álcool, agora também estão engajados na produção cafeeira. Essa expansão representou aumento da mão de obra escrava. Mas com a instalação da via férrea ligando o Rio a São Paulo, a atividade econômica da região ficou afetada. Entretanto foi o fim da escravidão o fator decisivo para o declínio da economia não só da Ilha como da cidade de Angra dos Reis. O governo imperial ainda construiu um lazareto de quarentena para proteger a população brasileira das epidemias que poderiam chegar até o país por navios estrangeiros. Posteriormente o lazareto serviu de prisão militar, presos políticos foram enviados para a Ilha Grande entre 1925 e 1927, como também no governo de Getúlio Vargas (1930-1945)

Nos tempos da república, a Ilha ficou conhecida como portão do inferno, por contas das colônias correcionais, penais e penitenciárias, instaladas inicialmente em Vila Dois Rios e mais tarde na Vila do Abraão, sendo elas, a Colônia Penal Cândido Mendes, e a Colônia Agrícola do Distrito Federal e Colônia Correcional de Dois Rios. Essas prisões enquanto poderosas instituições governamentais, tinha seu comércio próprio, trânsito de presos, policiamento e denúncias constantes de arbítrio?, violência e fugas, marcando a identidade da ilha nessa época.

Creio ser pertinente este breve histórico da Ilha Grande, uma vez que ela serviu de pano de fundo para a história do nosso país. E nos faz conhecer os protagonistas dessa história. Fato importante a se destacar são as fábricas de sardinha que movimentaram a economia da ilha na década de 1950, chegando a ser registradas de 20 a 30 fábricas em toda a Ilha Grande.

## 2- As fábricas de sardinha da Praia da Longa



Fábrica Pescador da família Furuguem

Em 1949 os imigrantes japoneses iniciaram a salga de sardinhas na Baía da Ilha Grande, embora a introdução do processo tenha sido feito por imigrantes gregos. No auge da indústria de pescados funcionavam 11 fábricas de sardinha na Ilha Grande, nestas fábricas salgavam, secavam e enlatavam o peixe. Os primeiros japoneses chegaram em 1908, a Família Furuguem e Família Tane (ou Nishitani) se fixaram na Longa. Construíram as duas fábricas que existiam na comunidade.

Tendo em vista a escassez de literaturas acerca da história das fábricas da Longa, lançamos mão de conversas e entrevistas com moradores que nos possibilitou compreender o funcionamento e a dinâmica de trabalho nas duas fábricas.

De acordo com o Sr. Zezinho<sup>3</sup>, a primeira fábrica foi a Indo pescas inaugurada em 1955, cujo proprietária era Fumiko Furuguem, “eu trabalhei poucos tempo, não tinha produto! Começou a comprar e comprar e abriu falência fechou acabou-se assim... japonês foi embora.” Esta fábrica abriu falência por má administração e as suas ruínas podem ser vista até hoje, e ainda podemos avistar as ruínas da ponte (cais) utilizada para descarregar as sardinhas, quando a maré está vazia.

Já a segunda fábrica abriu de 1925 a 1930 e fechou em 1986 pertencia a família Tane (ou Nishitani), “Trabalhei por 20 anos saí em 1982 para ir trabalhar na Prefeitura. Ali deu produto! (lucro). De carteira assinada trabalhei 7 anos, foi o que pagaram dos meus tempos” afirma seu Zezinho satisfeito com a sua nova função de Zelador. Quando perguntei sobre as questões trabalhistas ele relatou:

“Alguns tinha, assinava, mas também não pagava imposto para eles não pagava INPS para as mulheres. Assinava só pra dizer que trabalhava legalizado. Essa aqui dava bastante produto pra eles, mas era muito dinheiro, comprava muito sardinha, vinha aquelas latas de 10 quilos, 10 quilos e meio. Fechava na cravadeira, passava dois ou três metros levava pra “empossar”, ia pra fora aí pro Norte, pro Brasil mesmo. Comprava muita sardinha consumia muito. Aí “dispois”isso aí entrou essas carretas de peixe fresco né, foi comprando, comprando, peixe fresco, aí daqui se modificou, se modificou também, foi indo, foi indo, aí nisso entra esses turistas aí, se metia no meio, exigia muita coisa aí fechou de uma vez. Foi a fiscalização dos turistas. Não foi só essa aqui não. Foi essas fábricas todas. A última foi o Matariz, o que aconteceu foi isso aí. Gipóia foi a primeira a fechar, depois veio correndo.

---

<sup>3</sup> O seu Zezinho como é mais conhecido, na verdade se chama José Nunes tem setenta e dois anos, dos quais quarenta e oito anos está casado com a D. Selma da Rosa Nunes, com quem teve oito filhos, vinte netos e dois bisnetos. Nasceu e mora na Longa, trabalhou por 20 anos na fábrica de sardinhas e se aposentou como zelador da E. M. Thomaz Henrique Mac Cormick.

Notei que o trabalho nas fábricas não era fixo, havia alguns homens de carteira assinada, não havia quantia certa de pessoas, eram chamadas pela manhã de acordo com a quantidade de pescado que chegava. O pagamento (salário) era por esquemas de ficha, o trabalhador ganhava por produção, no fim do dia ou da semana as fichas eram trocadas por dinheiro. As mulheres eram maiorias e pude conhecer casos de adolescentes trabalhando. Sobre as instalações das fábricas, estas eram amplas, havia uma máquina cravadeira, um tanque, uma prensa e uma grande mesa. Era bem higienizada, mas o “uniforme” calças e botas eram compradas pelo trabalhador. Os japoneses produziam luvas e vendiam para seus funcionários. Mas quando perguntado ao Sr. Zezinho sobre a salmoura, e a parte da sardinha que não era utilizada para a salga, entenda como era feito o descarte:

Depois que inventaram essa fiscalização aí, o fiscal inventou fazer um esquema de fazer uma fossa grandona, igual nós fizemos. Aí fazia aquela fossa grandona assim, de areia botou cimento e tijolo. Toda a salmoura que a gente cortava lá ia pra fossa. Consumia lá e as escamas a gente tirava, ensacava, levava no bote quarenta, cinquenta, sessenta quilos e jogava lá na costeira, se acabava lá mesmo. E aquela cabeça de sardinha que a gente quebrava pra enlatar a gente levava lá pro Matariz pra fazer farinha, lá pro Odaka. Já ouviu falar? Fazia farinha de peixe pra fazer adubo.

O fechamento das fábricas se deu por conta da fiscalização do meio ambiente, a dinâmica de trabalho da Longa mudou, muitas famílias foram embora para o continente, acabando por morar na periferia, nos morros de Angra dos Reis. E os que ficaram trabalhavam na roça.

Meu pai cultivou muito banana, mandioca (que chamam aipim né?), feijão ele plantava muito feijão. Só pra despesa de casa, mas se colhia muito vendia. Cana-de-açúcar, a gente usava muito café de cana, a cana era colhida aqui. Era quase tudo da roça, a gente colhia aqui. (Entrevista com Seu Tenório, realizada em 23 de agosto de 2016)

Ou foram para a pesca:

Comecei na pesca da sardinha (sardinha do reino) para ser mais preciso, durante 17 anos da minha vida até hoje, e destes 17 anos pra cá, comecei a pescar camarão rosa, que é a nossa área aqui, até hoje eu exerço essa função de pescador de camarão, por que é o meio mais fácil que a gente tem aqui na ilha de renda: é o meio do camarão da pesca. Pesco no meu barco mesmo. (Entrevista com Ozéias, realizada em 23 de agosto de 2016)



Com o passar do tempo às formas de trabalho foram se modificando, hoje existem na Longa várias atividades como de pescadores, maricultores, profissionais liberais que trabalham na escola e na limpeza da praia, artesões, um estaleiro que trabalha toda uma família, marinheiros para lanchas e barcos particulares, domésticas e caseiros. Contudo, a Longa não se mostra atrativa para os jovens quando eles terminam o ensino médio, eles têm que morar no continente sozinho, na casa de parentes ou mudar toda a família para Angra. De outra forma não é possível, ingressarem numa Universidade e fazer cursos. O que faz com que a Praia se esvazie da juventude. O que fica claro na fala do Ozéias:

Mas a minha vida aqui foi assim: a escola...terminei a quarta série aqui, tinha onze anos. Depois de onze anos, aí não tinha igual tem hoje, esse benefício a pessoa fazer até o terceiro ano. Na época não tinha, na quarta série ou ia pro continente pra terminar lá. Mas infelizmente minha família não tinha condições. Aí fui ficando por aí.  
(relato de um morador)

Em 1990 ocorreu um fato importante, o Barco Escola começou a fazer o transporte de professores do continente para a Ilha, como também o traslado das crianças entre as praias. Uma vez que a maioria das comunidades possui escolas que funcionam até o Ensino Fundamental I. As escolas da Praia de Araçatiba e da Praia do Provetá possuem o ensino fundamental II. E nessa rota somente o Provetá possui o Ensino Médio, sendo em mar aberto dificultando ainda mais o acesso, que depende das mudanças climáticas para conseguirem assistir as aulas. Mas antes não era assim, quando as crianças terminavam a quarta série, hoje o quinto ano, não podiam continuar os estudos tinham que encerrar suas vidas escolares. E isso afetava a vida profissional destes jovens, como revela a fala de Ozéias morador da Longa:

“ Perdi muitas vagas de marinheiro com salário bom, porque na época não tinha a carteira. Então não tinha como tirar, aí é uma delas. Eu tive muitas aí, uma aí ,o rapaz me chamou pra trabalhar no posto de combustível em Angra,também tinha que mostrar um grau de escolaridade eu não tinha, então depois que esse EJA<sup>4</sup> veio pra cá que começou a melhorar, eu peguei o sexto ano, já deu pra aparecer alguma coisa.”

---

<sup>4</sup> Em 2013 diante de uma demanda da Secretaria de Pesca foi implementado o EJA Pescadores na E. M. Thomaz Henrique Mac Cormick. Seguindo a Linha da pedagogia da alternância. Teve como característica uma temporalidade com o período de convivência em sala de aula e

### 3- Quem é a dona da Longa?

A Praia da Longa também conhecida como “a Longa”, território antes chamado de Fazenda da Longa cujo proprietário era Thomaz Henrique Mac Cormick. O nome dado à comunidade, segundo os moradores antigos se dá por conta da profundidade do saco no mar ou a profundidade das terras da antiga fazenda, existindo até um caminho que se chega ao outro lado da Ilha na Praia do Sul. Caminho esse, que os moradores ainda usam para pescar tainha na Praia do Sul, essa trilha pode ser um dos motivos pelo qual a Longa foi escolhida para se implementar um vantajoso empreendimento turístico.

Com base nas entrevistas e conversas com moradores antigos, descobrimos que existe uma empresa a Boating Club do Brasil que se diz “dona” da Praia da Longa. Na década de 1970, a Boat como é conhecida, supostamente teria comprado a então Fazenda da Longa, esta empresa tem como representante legal Roberto Irineu Marinho.

A Boat é essa Fazenda da Longa aí! Em convênio agora com a Globo, então é isso aí. Agora não se pode mais nem tirar uma areia da praia pra fazer uma construção em casa. É como se eles fossem o dono da praia e a gente tivesse vivendo aqui de favor. Aqui nó temos um problema com essa Boat, a Boat que é o estrodo aqui da Longa é isso aí. Antes eles manejavam aí de um jeito que se tinha mais respeito com os mais antigos. Agora que esses mais antigos foram embora, igual meu pai, eles se apoderaram de um jeito aí, que é briga e mais briga, querem terra e posse. (Morador da Longa, 23 de agosto de 2016)

Segundo Bastos (2009) a Boating, tem um advogado em Angra dos Reis, que foi contratado para regulamentar essas terras<sup>5</sup>. Ao ser entrevistado revelou que a empresa foi criada por um pequeno grupo de empresários, o mais entusiasmado empenhado era o argentino Roberto Casimiro Mieres, que pretendia fazer um empreendimento turístico de grande porte, com direito a marina, yacht club e etc., adotando o modelo bem-sucedido criado na Argentina. Conta ainda, que a todas as terras da Longa foram compradas praticamente do mesmo proprietário Fernando Sarmiento. Os terrenos das duas fábricas de sardinha estão fora do reinado da Boating. Eles foram vendidos para os japoneses por duas herdeiras de Thomaz Henrique.

---

outro no mar, tornando-se possível diminuir a evasão escolar de alunos pescadores. Incentivando os alunos, que não puderam concluir seus estudos na época programada, e que hoje dependem da pesca como meio de sobrevivência, a concluir o ensino fundamental. moradores da Praia da Longa que mesmo não sendo pescadores, tem sua vida profissional voltado ao calendário pesqueiro.

<sup>5</sup> A regularização implicava ir atrás até o inventário daquele que era o proprietário no início do século XX, Thomaz Henrique Mac Cormick, e a documentação de seus 9 filhos, de cujos filhos e netos Fernando Sarmiento comprou as terras.

A Boat chegou em 1975, com a intenção de não desalojar as pessoas que estivessem lá para trabalhar; na versão do advogado, os moradores viviam ali com posses, e todo mundo queria mesmo era ir embora, sobretudo pela falta de opção de trabalho. Disse ainda em entrevista, que se quisesse mesmo desocupar a Longa era só colocar uma barraca na praia com um placa: “Compro posses”. Mas na versão dos moradores houve pressão por parte da empresa para que as pessoas abandonassem ou vendessem por valores baixos as suas casas.

Um dia (...) chegaram uns homens que mandaram todo mundo sair de lá. Belé e família pegaram o que puderam e vieram para o Abraão. Os homens pagaram uma mixaria pelas terras. A única que teve coragem de ficar foi sua irmã, que até hoje está lá. Não aconteceu nada com ela. Foi muito difícil deixar tudo para trás. A terra, a roça: fruto do trabalho duro de todos eles. Talvez devessem ter ficado também por lá, reflete ela. ( Maciel e Cardoso,2003, p.78)

De acordo com os depoimentos dos mais antigos moradores da Longa, os argentinos chegaram e engabelaram as pessoas e muita gente vendeu, alguns iam embora e depois voltavam, e construía as casas no mesmo lugar que antes já haviam vendido. “Que deu nisso aí! Bagunçou tudo!Chegaram (a Boat) na marra, dizendo que ia trazer boiada e outras mudanças iam ocorrer ali, daí os moradores ficaram assustados. Quem não saiu tiveram coragem!” desabafa Sr. Zezinho. As casas novas quase todas estão no espaço reivindicado pela Boat, inclusive tem muitos processos jurídicos envolvendo a empresa e os moradores. “Eles diz, que a Longa é deles! Mas não é não!” desabafa o morador experiente que vive a mais de 70 anos na Longa.

Nessa perspectiva Bastos (2009) enfatizam que:

Cabe focalizar esse aspecto do caso da longa, que está relacionado ao verdadeiro mistério em que consiste a questão fundiária na Ilha Grande (e quem sabe, no país inteiro). Diz respeito justamente ao que ocorre com base nas concepções de “posse” e “propriedade”. Não se trata de nenhum raciocínio jurídico, embora com certeza esse também caiba; trata-se de como essas concepções foram atualizadas ali. Na Ilha como em outros lugares deste Brasil, é comum que seja transacionada a “posse” das terras e não a sua “propriedade”. No caso da Longa, se pensarmos nos “proprietários” a partir daqueles que existiam ali há um século – co escrituras em cartório (independente da maneira como tenham obtidos tais registros),<sup>6</sup> que seriam

---

<sup>6</sup> O autor pontua duas situações importantes: o que diz respeito ao que se chama grilagem- a usurpação e apropriação de terras; e a fala do então procurador do Estado no ano de 2004 Rodrigo

os Mac Cormick - , os moradores que vêm ocupando casas, bem como os terrenos (...). é de se supor que teriam sido originalmente escravos e empregados, que ali deixaram seus descendentes, que ali foram ficando. E, como aparece em várias histórias desses moradores, as suas famílias originais passaram a produzir dando (ou não) algum tipo de ressarcimento ou “parte” àquele que era dono da terra. (p. 419)

Um fator importante ocorreu em 1994, quando 79 famílias receberam um documento, fruto da mobilização dos moradores com o apoio da Prefeitura de Angra dos Reis. Tal documento refere-se à Certidão de Inscrição de Ocupação, que mesmo as pessoas pagando anualmente ao SPU (Serviço de Patrimônio da União), o advogado da Boat afirma não ter valor legal, já que os títulos de propriedade ali são: da Boating, da Fumiko e do Nishitani.

Nesse sentido, percebe-se que o projeto de grande empreendedorismo imobiliário só não foi a frente por conta das leis ambientais na década de 1980, que se referem às áreas protegidas, que restringiram as intervenções. Mas a Boat tem presença forte na comunidade, e mantém cinco funcionários com registro em carteira de trabalho, que não se sabe ao certo as funções exercidas na comunidade.

#### **4- As mudanças ao longo do tempo**

A Longa que já foi a imponente Fazenda da Longa, produtora de açúcar e café e já agregou quase todos os moradores, inclusive adolescentes no trabalho das fábricas, hoje ainda mantém a tranquilidade de uma comunidade caiçara. Embora esteja na rota da Volta da Ilha Grande, não recebe os turistas, os mochileiros apenas passam por ela. Não há hotéis ou pousadas. Apenas pequenos bares e um restaurante flutuante.

Os moradores se dividem nessa questão ao mesmo passo que são contra o turismo predatório:

Nós temos uma melhoria aqui nessa praia, porque se tivesse pousada, nós não tinha liberdade que nós temos, igual nossos barcos ali. Com pousada aqui, com turismo não podia deixar o barco. Acho que infelizmente o que impede de ninguém botar uma pousada aqui é essa Boat. Se não fosse essa Boat aí, com certeza já tinha pousada, restaurante aqui tinha. (Relato de um morador)

---

Mascarenhas, que atuou em Angra dos Reis: “Se fossem computados as quantidades de terra registradas em cartório como sendo propriedade de alguém, o resultado daria várias vezes o tamanho real da ilha.

Pensam que poderia trazer mais emprego:

“Porque igual a gente vê muita pousada nas outras praias o pessoal é tudo empregado, tudo carteira assinada. Aí quer dizer igual eu, no meu caso eu torcia que alguém tivesse uma pousada aqui, meu barco vendia peixe pro restaurante e emprego né? Fazia uns frete aí pra passear com o pessoal.  
(Relato de um morador)

O trabalho diário aqui se confunde com o modo de viver. A cultura está impregnada na vida diária das pessoas. O trabalho para a comunidade tem ligação com o mar e a natureza, conhecer o tempo às marés. Nesse caso o trabalho está intrínseco com o modo de vida, o que nos remete ao trabalho ontológico. Como destaca Marx (1983 apud OLIVEIRA,2015, p. 156)

(...) o trabalho no seu sentido ontológico, ou seja, o trabalho que é sentido de vida, o trabalho que o homem se reconhece nele, distante da alienação e da mercantilização do sistema capitalista. O trabalho que é troca entre o homem e a natureza, em um processo dialético onde o homem ao transformar a natureza transforma a si mesmo.

Estes casos se referem aos pescadores, maricultores, artesãos, o trabalho realizado no estaleiro do Sr Tenório. Contudo, mesmo as pessoas que trabalham na limpeza da praia, na escola, como marinheiros, domésticas ou caseiros que vendem sua força de trabalho regidos ou não pela CLT, conseguem moldar a sua dinâmica de trabalho ao seu modo de vida.

### **Considerações finais:**

As pesquisas e entrevistas revelam que a Praia da Longa, apesar de uma comunidade considerada pequena e tranquila, possui uma singularidade com as demais praias da Ilha Grande: as transformações técnico-produtivas ocorreram a partir de contextos históricos bem semelhantes. Pela Fazenda da Longa passaram os ciclos econômicos nacionais mais importantes (escravatura, extração de madeira, açúcar, café e ouro). Contudo, foi na década de 1970 que a comunidade teve o auge na questão do mercado de trabalho, com a construção das duas fábricas de sardinha, a vida financeira dos moradores girava em torno das fábricas. Com o declínio da indústria de sardinhas houve um esvaziamento da comunidade. E não menos importante desvelamos a questão

fundiária, a comunidade vive a sombra da empresa Boating, que de forma não muito sutil domina o território da Longa. Concluímos que a trajetória dos moradores determina as funções que ainda exercem, algumas profissões são passadas de geração em geração. Porém a juventude que almeja um diploma acadêmico precisa ir para a cidade, e por muitas vezes não retornam. Criam vínculos com a cidade, formam família e se tornam visitantes. A resistência, mesmo de forma não intencional e não sendo coletiva, é o que mantém a Praia da Longa como uma comunidade pesqueira e que mantém a cultura caiçara.

### **Referências Bibliográficas:**

BASTOS e outros. Estrutura econômica e organização sociocultural e política. In: BASTOS, Marcos; CALLADO, Cátia Henriques (Orgs); O ambiente da Ilha Grande-Rio de Janeiro:UERJ/CEADS, 2009. 562p.: Il. Color.; 30cm.

BASTOS, Marcos; CALLADO, Cátia Henriques (Orgs); O ambiente da Ilha Grande-Rio de Janeiro:UERJ/CEADS, 2009. 562p.: Il. Color.; 30cm.

BOFF, Leonardo. Saber cuidar; ética do humano- compaixão pela terra.Petrópolis: Vozes, 1999. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/sofphyazul/saber-cuidar-completo>. Acessado em: nov. 2016.

MACIEL,Alba Costa; CARDOSO, Neusali. Cura, sabor e magia nos quintais da Ilha Grande. Rio de Janeiro: EdUerj, 2003. 104 p.

MARX, Karl. **O Capital**, Vol. I, Tomo I. São Paulo, Abril Cultural: 1983. In: OLIVEIRA, Mara Edilara Batista de. As políticas públicas em educação do campo, entre a subordinação e a autonomia: o projoem campo – saberes da terra e sua implantação na Paraíba no contexto da questão agrária/ Mara Edilara Batista de Oliveira. –Curitiba, 2015. 378 f.: il. color.; 30 cm. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Geografia, da Universidade Federal do Paraná, para obtenção do título de Doutora em Geografia.

PASCOAL, Ednéa do Marco. Angra dos Reis, 500 Anos de História/Ednéa do Marco Pascoal – Angra dos Reis, RJ:2010, 224p.

OLIVEIRA, Mara Edilara Batista de. As políticas públicas em educação do campo, entre a subordinação e a autonomia: o projoem campo – saberes da terra e sua implantação na Paraíba no contexto da questão agrária/ Mara Edilara Batista de Oliveira. –Curitiba, 2015. 378 f.: il. color.; 30 cm. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Geografia, da Universidade Federal do Paraná, para obtenção do título de Doutora em Geografia.

Indústria de Pescados. Disponível em: <http://www.ilhagrande.com.br/ilha-grande/historia/pesca/> Acessado em: out.2016.